



## A RELAÇÃO GRAMATICAL COM A ORALIDADE

Marli Quadros LEITE<sup>1</sup>  
(USP – Universidade São Paulo/CAPES<sup>2</sup>)

Tradução de Jorge Viana de MORAES<sup>3</sup>  
(USP – Universidade de São Paulo)

**RESUMO:** Este texto aborda aspectos da relação intrínseca entre oralidade e *gramática*. Na primeira parte, discutiremos a importância da oralidade na Grécia. Em seguida, examinaremos a estreita ligação entre gramática e oralidade, com base nas teorias dos gramáticos antigos Dionísio Trácio e Apolônio Discolo. Finalmente, consideraremos a relação entre oralidade e a primeira gramática portuguesa, a *Grammatica da*

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, nos programas de graduação e de pós-graduação, na Universidade de São Paulo, pesquisadora da Biblioteca Guita e Mindlin (BBM | USP) e pesquisadora associada do *Laboratoire d'Histoire Théories des Linguistiques* (HTL), Paris. Tem mestrado (1992) e doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1996), pós-doutorado pela *University of Pennsylvania* (EUA) em 1999/2000; pela *Université de Paris VII*, Denis Diderot, no ano acadêmico 2000/2001 (Projeto CAPES/COFECUB/USP); Estágio Sênior (período avançado de pesquisa) na *Université de Paris VII*, Denis Diderot, no período de 2017/2018 (CAPES). É líder de dois Grupos de Trabalho (CNPq): Gramáticas: história, descrição e discurso e Projeto NURC/SP-Núcleo USP, no qual atuou na coordenação sua juntamente com o Prof. Dr. Dino Preti e hoje é a coordenadora do Projeto. É coordenadora de um acordo de cooperação internacional da USP com a *Université de Paris VII*, Denis Diderot (desde 2005). É pesquisadora do projeto “Processamento de linguagem natural: recursos, ferramentas e aplicações para a Língua Portuguesa” e do projeto “Center for artificial intelligence” (colaboração IBM/FAPESP/USP – FAPESP 2019/07665-4, com vigência de 01/08/2020 a 31/07/2025), autora de livros, capítulos e artigos que versam sobre temas científicos e didáticos. Foi Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária da USP – eleita duas vezes pelo Conselho Universitário, a primeira vez para o biênio 2022/2024; e a segunda vez para o biênio 2024/2026 – foi Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Presidente da Comissão de Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Assessora Técnica da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história das ideias linguísticas, norma e uso linguísticos, discurso, texto, oralidade e escrita. E-mail: <mqlite@usp.br>.

<sup>2</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior – Brasil (CAPES).

<sup>3</sup> Texto publicado originalmente, em francês, na obra **Grammaticalia**. *Hommage à Bernard Colombat*, (2019), sob a direção de Jean-Marie Fournier, Aimée Lahaussais e Valérie Raby. Tradução de Jorge Viana de Moraes para esta edição especial de *Metalinguagens*, com revisão técnica da autora.

*lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536). Dois argumentos principais sustentarão nossa demonstração: 1) o fundamento da reflexão filosófica sobre a linguagem a partir de seus elementos; 2) o impacto da oralidade e da prática linguística oral (*o uso*).

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramática. Oralidade. Grécia. Dionísio Trácio. Apolônio Díscolo. Fernão de Oliveira. Reflexão filosófica sobre a linguagem. Uso.

### *LA RELATION GRAMMATICALE AVEC L'ORALITE*

**RÉSUMÉ:** Ce texte aborde les aspects de la relation intrinsèque entre l'oralité et la *grammaire*. Dans une première partie, nous commenterons l'importance de l'oralité en Grèce. Nous examinerons ensuite la proximité de la grammaire avec l'oralité, sur la base de la théorisation des anciens grammairiens, Denys le Thrace et Apollonius Dyscole. Enfin, nous nous pencherons sur la relation entre l'oralité et la première grammaire portugaise, la *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536). Deux arguments principaux étayeront alors notre démonstration : 1) le fondement de la réflexion philosophique du langage sur les éléments ; 2) l'incidence de l'oralité et de la pratique linguistique orale (l'usage).

**MOTS-CLES:** Grammaire; Oralité. Grèce. Denys le Thrace. Apollonius Dyscole. Fernão de Oliveira. Réflexion philosophique sur le langage. L'Usage.

#### *1. ASPECTOS DA ORALIDADE NA GRÉCIA ANTIGA*

Na década de 1960, Milman Parry (ver Parry 1971) argumentou que os poemas homéricos pertenciam à tradição oral e exibiam uma estrutura mais típica da oralidade do que da escrita. Adotamos aqui essa ideia, de que a oralidade constitui a base para a composição dos textos, e incorporamos os argumentos que a sustentam, em particular a origem oral dos poemas homéricos, visto que a sociedade grega era eminentemente oral durante esse período ( séculos XII a VIII a.C. ). Diversos outros argumentos, como a ausência de escri-

tos de Sócrates, as expressões de desconfiança de Platão em relação à escrita em Fedro (Gomes, 2000) e na Carta VII (Azcárte, 1872), bem como seus diálogos, que recriam uma situação de comunicação oral, confirmam historicamente a preeminência da oralidade sobre a escrita no mundo grego.

Eric Havelock (1982), por sua vez, argumenta que o advento da escrita gradualmente suplantou a tradição oral grega. Ele afirma que a transcrição dos dois poemas homéricos, que ele acredita terem sido “encomendados à escrita” entre 700 e 500 a.C., não levou à destruição do “modo de vida e dos modos de pensar orais”, mas sim causou uma *erosão gradual da oralidade*. O autor reconhece, no entanto, que o processo erosivo causado pela transcrição dos textos homéricos foi longo e durou pelo menos quatro séculos, até a época de Platão.

Rosalind Thomas (1992), que contradiz essa tese, argumenta que é difícil imaginar que a presença de um texto escrito de qualquer tipo de poesia no século VIII a.C. pudesse ter sufocado tão completamente a tradição da composição oral. Ela baseia seu argumento no fato de que a comunicação oral representava o principal meio de construção do pensamento, desenvolvimento do conhecimento e disseminação da filosofia, pelo menos durante os três séculos seguintes ao advento da escrita.

## 2. O IMPACTO DA ORALIDADE NA GRAMÁTICA ANTIGA

Estudiosos do período helenístico (Havelock 1982; Thomas 1992) argumentam que o uso da escrita no mundo grego permaneceu limitado. Até o século III a.C., ou seja, até a criação do sistema de pontuação e acentuação, que contribuiu para a leitura generalizada de textos escritos, a escrita representava mais um método de memorização do que um sistema independente de co-

municação. Os estudiosos sugerem que a leitura de papiros não era fácil, pois o texto, geralmente escrito em letras maiúsculas, sem espaços entre as palavras e sem qualquer orientação gráfica, não facilitava a leitura. Nesse contexto, a criação da Biblioteca de Alexandria representou um importante evento cultural.

A formação dessa biblioteca foi, de fato, o marco definitivo do prestígio do texto escrito. Os filólogos de Alexandria, baseando-se nas reflexões dos filósofos gregos, iniciaram a sistematização do conhecimento linguístico e examinaram um número considerável de textos. Iniciou-se, assim, o processo de crítica textual e pesquisa linguística. O registro do texto por escrito revelou diferenças no uso da linguagem, o que levou ao surgimento de uma política linguística para proteger a variedade conhecida como “grego clássico”. Essa política fomentou o desenvolvimento da gramática helenística.

A gramática é reconhecida como um instrumento cuja origem reside no estudo da letra (*gramma* em grego e *litterae* em latim). Sua definição, portanto, relaciona-se necessariamente ao mundo da escrita, assim como a “ciência das letras” ou “gramática”. Ela representa, antes de tudo, “o aprendizado elementar da leitura e da escrita” e, por extensão, “a ciência de todas as letras ou literatura (*sungrammata*)”, ou seja, a ciência dos textos. Assim, os responsáveis pelo ensino das letras eram os “gramáticos”, e o “gramático” era o professor de literatura, encarregado de interpretar as obras de poetas e prosadores, como afirmou Sexto Empírico (séculos II – III d.C.).

Ao longo da história, a constante referência às “letras” — isto é, ao objeto concreto apreendido pela visão — e a presença duradoura da literatura levaram os gramáticos a esquecer a fonte original da gramática: a oralidade por meio da escrita, através do texto literário. A interpretação do texto gradual-

mente perdeu toda a conexão com a realidade linguística. A influência da oralidade na escrita elaborada passou a ser considerada um desvio e um erro.

### 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REFERÊNCIAS À “FALA”: DA FILOSOFIA À GRAMÁTICA

Os filósofos gregos começaram a refletir sobre as propriedades da linguagem, inclusive em relação à escrita, observando a linguagem falada. Françoise Desbordes (2007) relata que, nas discussões filosóficas, os conceitos de som e letra eram perfeitamente claros para os antigos, embora houvesse confusão em torno dessas noções no campo da gramática. As reflexões de Platão e Aristóteles, enriquecidas pelas contribuições estoicas, orientaram a sistematização do conhecimento linguístico desenvolvida durante o período helenístico, que foi geralmente transmitida às gramáticas.

No *Fílebo*, por exemplo, Platão discute a conexão entre o uno e o múltiplo, ilustrando-a com a relação entre o som da voz humana e a letra que a representa. Platão define sons discretos (*o uno, indivisível*) e distintos classificando-os de acordo com propriedades que os individualizam, como *vogais, vogais mudas e semivogais*, cuja articulação é variada e infinita. Em outros diálogos — *Crátilo*, o *Sofista* e *Teeteto* — Platão também fala de elementos, sílabas, letras e sua importância na formação do discurso. No *Fílebo*, porém, o termo “letra” é equivalente ao termo “*elemento*” e não à imagem que representa o som. Além disso, o termo “*gramática*” usado neste texto significa “*um conjunto de letras*”, e não o significado que adquiriu posteriormente.

As reflexões de Platão foram retomadas por Aristóteles, que assimilou e expandiu algumas delas e propôs outras. No que diz respeito à concepção da linguagem humana, Platão começa a formular a *teoria da voz articulada* quan-

do, em sua discussão sobre a relação entre *analogia* e *anomalia* (*nomos* / *physis*), afirma que “não apenas os nomes podem ser atribuídos erroneamente, mas também os verbos e a proposição (*logos*)”. Aristóteles (*Política*, I, 10) retoma o embrião do conceito platônico para comentar a capacidade da humanidade para a organização política e também discute nossa habilidade de nos comunicarmos em sociedade por meio da articulação da voz, através da emissão de sons discretos, e não sons contínuos como os grunhidos dos animais que, embora expressem dor e satisfação, são incapazes de se comunicar pela fala para expressar “o que é útil ou prejudicial e, conseqüentemente, também o que é justo ou injusto” (*Política*, I, 2).

Os conceitos introduzidos pelo pensamento filosófico platônico e aristotélico foram inicialmente transpostos para a gramática pelos alexandrinos, antes de serem transformados, modificados e expandidos. Através da acumulação, permitiram que o conhecimento linguístico evoluísse em cada época, ainda que dentro de estruturas teóricas distintas.

#### 4. VESTÍGIOS DA ORALIDADE NOS TEXTOS DOS GRAMÁTICOS ALEXANDRINOS

Para o mundo ocidental, a *Technè Grammatiké* de Dionísio Trácio (séculos II – I a.C.) constitui a pedra angular do sistema gramatical. A obra consolidou-se entre os romanos como o modelo básico para o desenvolvimento de sua gramática, não sem suas próprias contribuições e alterações, à medida que aprofundavam seus conhecimentos de latim e, posteriormente, das línguas vernáculas.

O capítulo 6 da *Technè* de Dionísio Trácio intitula-se “*Sobre os Elementos*” e trata da sua descrição. Embora o autor defina gramática como “o co-

nhecimento empírico do que é comumente dito entre poetas e prosadores” (Lallot, 2003, p. 43), ele atribui um caráter descritivo-doutrinário à sua gramática, uma vez que esta consiste na apresentação da doutrina gramatical iniciada pelos filólogos da Biblioteca de Alexandria. A exposição da teoria é acompanhada por exemplos específicos extraídos da *Iliada*.

A definição extremamente simplificada do elemento no texto de Dionísio Trácio, na ordem *letra > elemento*, pode desconcertar o leitor. Primeiro, o gramático se referiu às letras e ao seu aspecto físico, depois aos elementos (Lallot, 2003, pp. 45-46). O conceito e a organização da obra a inserem na tradição platônico-aristotélica, mas esse ponto de partida de *letra > elemento* pode estar na raiz da confusão que posteriormente surgiu nos livros de gramática a respeito dos conceitos de *som* e *fala*, bem como de *letra* e *escrita*.

O conceito de elemento também aparece em Apolônio Díscolo (século II d.C.), que, segundo Émile Egger (1854), é o autor de uma verdadeira enciclopédia gramatical. Em *Sintaxe* (Lallot 1997a, 1997b), o conceito de elemento aparece mais como o princípio organizador da “construção” da sintaxe do que como uma unidade da fala. O que lemos no texto de Apolônio refere-se apenas ao fundamento lógico do conceito de elemento, que o gramático aplica recursivamente à construção sintática. Todas as explicações das categorias gramaticais baseiam-se na relação entre os termos.

Frédérique Ildefonse (1997, p. 35) explica a metodologia utilizada por Apolônio Díscolo para organizar sua *Sintaxe*. Segundo a autora, ela consiste em combinar e conectar elementos discretos e distintivos. Ildefonse revela como o gramático tinha consciência de que o recurso à prática linguística poderia explicar certos fenômenos. Ela também comenta que o gramático grego reconhece a língua falada quando aborda a definição de dialeto e se refere aos atos de falar e

pronunciar, com base no conceito estoico de voz, como algo “perceptível ao ouvido” e como um “sopro de ar”. Levando em conta que as características da variação dialetal são consistentes com a fala e inerentes à produção linguística natural, demonstra-se que o gramático, em sua obra, ao descrever os sons em sua imensa variedade, não pode prescindir do exame das características da oralidade, tanto da perspectiva física (fonética) quanto da construtiva (sintática), e, conseqüentemente, considerando os aspectos sociais regionais dos falantes, que se revelam pelo som e pela enunciação.

Em seu *Tratado sobre Conjunções*, por exemplo, Apolônio Díscolo (2.228.12–25; Dalimier 2001) discute a origem da palavra  $\mu\tilde{\omega}\nu$  (môn), comumente usada por poetas, mas que, segundo alguns, está incorreta e deveria ser composta de  $\mu\eta$  (mé: não) e  $o\tilde{\upsilon}\nu$  (oun: portanto). Após apresentar os argumentos semânticos e formais de Trifão contra a rejeição da forma simples, ele afirma que a forma  $\tilde{\omega}\nu$  (ôn) não é ateniense, mas jônica, e como os jônios também são áticos, ele valida seu uso.

Para defender o uso da linguagem cotidiana, Apolônio Díscolo se mostra mais convincente na lição sobre a função e o uso dos pronomes, especificamente na seção que trata do uso do “caso direto” (*Sintaxe* II, 49; Lallot 1997a, p. 160). Nesse ponto, ele aceita um uso considerado incorreto pela “maioria” dos exegetas, que acreditam que a repetição do pronome no caso direto antes do verbo é obrigatória em certas situações. Com relação aos usos da linguagem cotidiana e dos escritores de prosa, Apolônio Díscolo argumenta, por sua vez, que a presença do pronome nem sempre é necessária, embora também enfatize “a força do raciocínio linguístico”. Sobre essa questão, Jean Lallot (1997b, p. 101) expressou surpresa com a posição de Apolônio Díscolo, que se baseia no uso, visto que o gramático grego considera o *logos*, a razão, como seu principal

critério de análise, e não o *tribê*, o uso comum da língua. O helenista se refere ao parágrafo 60 do Livro I, onde Apolônio Díscolo adota uma posição contrária à anterior, afirmando que “a maneira comum de se expressar está subordinada à autoridade da tradição, da *grequidade*”. Lallot questiona, portanto, essas posições aparentemente contraditórias de Apolônio Díscolo: “Deveriam as duas passagens ser contrastadas? Certamente que não, mas é interessante notar aqui a dignidade, *explicitamente* reconhecida no uso comum, de poder servir como uso de referência” (1997b, p. 102).

Imediatamente após afirmar a autoridade da tradição, Apolônio Díscolo reconhece que “existem, no entanto, formas que a tradição não consegue resolver”, embora sustente que o recurso à teoria é sempre preferível para resolver dúvidas sobre formas variáveis. Apesar dessa recomendação, o gramático grego é forçado a admitir: “Quando houver dúvida [sobre uma determinada variável linguística], *a aplicação da teoria combinada com a consideração de dados naturais tornará possível eliminar construções incorretas*” (ênfase minha; Sintaxe, I, 61; Lallot 1997a, p. 115, e Lallot 2012, p. 73).

## 5. ASPECTOS DA ORALIDADE NOS TEXTOS DOS GRAMÁTICOS PORTUGUESES DO RENASCIMENTO

Após um salto de alguns séculos, retornamos à Antiguidade Clássica através da obra do primeiro gramático português, Fernão de Oliveira, com a sua *Gramática da Linguagem Portuguesa*, publicada em 1536. Este renascimento da Antiguidade Clássica é perfeitamente coerente com o seu tempo, uma vez que os gramáticos do Renascimento tomaram como modelos as gramáticas da Antiguidade, tanto a alexandrina como a latina. A gramática de Oliveira, contudo,

afasta-se do modelo latino, não segue a *Vulgata* de Donato e baseia-se inteiramente na tradição oral.

Marli Quadros Leite (2007, p. 87) explica que “o estudo sistemático da língua portuguesa nasceu com Fernão de Oliveira (1536), *sob a égide da descrição do uso real da língua*, praticado diariamente pelos portugueses, e não sob a égide da norma extraída de textos literários” (ênfase nossa). A perspectiva de Oliveira não é lógico-categórica. Ele não parte do pressuposto de que a língua portuguesa é simplesmente “uma filha do latim”. Oliveira pretende apresentar o português como uma língua autônoma, diferenciada, por exemplo, pela ausência de casos nominais, e afirma a sua nobreza, a sua antiguidade e a sua importância política. É evidente, porém, que o gramático português segue o método aristotélico em seu tratamento da linguagem, pois começa com o menor elemento do sistema, a letra, que define como “uma figura de linguagem” (Oliveira 2000 [1536], p. 10), e procede, sem confundir a linguagem falada e a escrita, à sílaba, depois à palavra, que chama de “dicção”, a fim de comentar sua natureza e estrutura composicional. No que diz respeito às classes de palavras, refere-se apenas ao artigo, ao substantivo, ao pronome e ao verbo. A análise sintática é apenas prometida.

Como demonstra Leite (2007, pp. 134-135), a fonte de Oliveira para explicar a linguagem através dos processos de *analogia* e uso é Varrão. O gramático latino compreendia que esses processos são complementares, porque “palavras que se conformam às regras (analogia), mas discordam do uso corrente — não são atuais ou já estão obsoletas — são estranhas, ou podem soar estranhas para falantes de uma determinada geração linguística” (*ibid.*). Notamos no texto de Oliveira a mesma importância do uso em relação à analogia,

quando ele afirma que “são as pessoas que fazem a linguagem e não a linguagem que faz as pessoas” (Oliveira 2000, p. 7).

O gramático português, ao discutir as características e a natureza das palavras, após examinar a etimologia e empreender uma classificação meticulosa, abre um capítulo para explicar as suas semelhanças e diferenças pela possibilidade de conhecer uma palavra a partir de outra, posicionando-se, desta vez, no âmbito da analogia. Assim, afirma:

Os substantivos são conhecidos a partir dos verbos e os verbos a partir dos substantivos a partir de outras partes, porque são diferentes uns dos outros, e os verbos são conhecidos a partir de outros verbos, porque são semelhantes em algo e na voz (*ibid.*, p. 55).

Não existem teorias sobre a anomalia ou sua importância para a interpretação da linguagem, mas o conceito está presente em toda a gramática e constitui o viés de Oliveira em sua construção. Vale ressaltar que o gramático leva em conta ambos os processos em diversas de suas afirmações, por exemplo, quando diz que a analogia está sujeita ao uso, já que é o uso que rege a gramática.

Em relação às palavras usadas naturalmente na língua, Oliveira as aceita e as integra à gramática. Ele especifica que “as expressões usadas são aquelas que nos servem a cada instante (como se diz), quero dizer, aquelas que todos falam e entendem, que são específicas do nosso tempo e da nossa terra” (p. 52). Com base na totalidade das palavras usadas, o gramático pode reconhecer as particularidades de uso e destacar a linguagem específica de grupos regionais e sociais, os casos apropriados a diferentes situações de comunica-

ção e aqueles que diferem em função do tempo. A boa prática vem do uso comum e oral da língua, mas o modelo é “a fala do nosso povo” (p. 10) para esta belecer preceitos, ou seja, a gramática.

### *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Recordamos o texto de Sexto Empírico, *Contra os Gramáticos*, que, em consonância com o fundamento filosófico de sua doutrina, desconstrói a gramática por meio de uma aporia relativa à sua utilidade. O fundamento do argumento desse filósofo — a saber, a base dual sobre a qual se constrói a teoria gramatical — corresponde, de certa forma, à proposição que defendemos: a presença constante do uso no texto gramatical. Isso não impede, por um lado, a lógica da linguagem e, por outro, impede que a explicação resultante do uso da linguagem seja regular, fixa e finita. A gramática não se baseia unicamente em textos literários. Ela também surge da interação desses textos com sua fonte original primária: a oralidade. Argumentamos, portanto, que a combinação dessas duas modalidades linguísticas é essencial para a compreensão da gramática como um instrumento que registra uma parcela do conhecimento formado sobre a prática de uma determinada língua, por meio de usos atestados na escrita, mas originários da oralidade. Finalmente, entendemos a gramática como um instrumento cultural que reflete e refrata o que é inerente à humanidade: *a linguagem que os humanos falam*.

### *REFERÊNCIAS*

#### *Fontes Primárias*

LALLOT, Jean. *Apollonius Dyscole, De la construction* (syntaxe), vol. 1, édition bilingue grec-français, introduction, texte et traduction, 1997a.

LALLOT, Jean. **Apollonius Dyscole, De la construction** (syntaxe), vol. 2, Notes et index. Paris: Vrin, 1997b.

LALLOT, Jean. **La grammaire de Denys le Thrace** [1989], édition bilingue, traduite et annotée. Paris: Éditions CNRS, 2003.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portuguesa** [1536]. Edição de C. Assunção e A. Torres. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 2000.

#### Fontes secundárias

AZCÁRATE, Patricio de. **Obras completas de Platón**, tome 11. Madrid: Medina y Navarro, 1872, p. 275-344.

BARATIN Marc; DESBORDES, Françoise. **L'analyse linguistique dans l'Antiquité classique**, vol. 1, Les théories. Paris: Klincksieck, 1981.

DESBORDES, Françoise. A pretensa confusão entre o escrito e o oral nas teorias da antiguidade. In: CATACH, N. (ed.). **Para uma teoria da língua escrita**. Tradução F. Morretto e G. Machado. São Paulo: Ática, 1996.

DESBORDES, Françoise. **Idées grecques et romaines sur le langage**. Lyon: ENS Éditions, 2007.

EGGER, Émile. **Apollonius Dyscole: essai sur l'histoire des théories grammaticales dans l'Antiquité**. Paris: Auguste Durand, 1854.

GOMES, Pinharanda. **Fedro – ou da beleza**. 6 ed, tradução e notas, Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

HAVELOCK, Eric. **A revolução da escrita e suas consequências culturais** [1982]. Tradução J. O. Serra. São Paulo: UNESP, 1996.

ILDEFONSE, Frédérique. **La naissance de la grammaire dans l'Antiquité grecque**. Paris: Vrin, 1997.

LALLOT, Jean. **Études sur la grammaire alexandrine**. Paris: Vrin, 2012.

LEITE, Marli Quadros. **O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma**. São Paulo: Humanitas-Paulistana, 2007.



NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional**: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2. ed. revisada. São Paulo: UNESP, 2005.

PARRY, Adam. The Making of Verse Homeric. **The Collected Papers of Milman Parry**. Oxford: Clarendon Press, 1971.

Thomas, Rosalind. **Literacy and Orality in Ancient Greece**. Cambridge University Press, 1992. Tradução para o português (Raul Fiker) **Letramento e Oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2005.